

Desde 1966, a música recuperou seu *status* de disciplina educacional e voltou a estar presente nas escolas. No entanto, após três décadas de ausência, perdeu-se a tradição da educação musical. Por isso, além de oportuno, é necessário repensar os modos de implantação de seu ensino e de sua prática.

Como ponto de partida, a autora considera o quanto a educação musical decorre de hábitos, valores, condutas e visões de mundo da sociedade de cada época. Entretanto, deixa claro que a música é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, merecendo ocupar um lugar proeminente no sistema educacional. Em face disso, defende a necessidade de combater vigorosamente a indigência cultural a que a escola está submetida e de reconhecer a relevância das artes – particularmente, da música – no processo educativo.

DE TRAMAS E FIOS ~ Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

DE TRAMAS E FIOS

Um ensaio sobre música
e educação

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

2ª edição



A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z JOPO

781:37.015.3

F683d

2. ed.

1x.3

781:37.015.31 F683d 2. ed.
Autor: Fonterrada, Marisa Trench de Oli
Titulo: De tramas e fios : um ensaio sob



10127817

Ac. 151005

ISBN 978-85-7139-799-6



9 788571 397996

ISBN 978-85-7507-100-7



9 788575 071007



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério
da Cultura



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Coleção **Arte e
Educação**

A missão da Fundação Nacional de Artes – Funarte é trabalhar para o desenvolvimento das artes no país. Como entidade pública, seu foco é o cidadão brasileiro. O atual sistema de financiamento às artes prioriza a produção de eventos, em detrimento de outras áreas da ação cultural, e percebemos que, entre essas, a mais prejudicada é a formação artística.

Todo fenômeno artístico se completa na sua fruição social. Ao menosprezar a formação artística, colabora-se para atrofiar e amesquinhar todo o processo artístico. Com a arte desenvolvemos o pensamento sensível, tão importante para o desenvolvimento humano quanto o pensamento simbólico.

A arte é componente fundamental da formação. Familiarizar os cidadãos com os mecanismos de produção e percepção estética significa ampliar sua capacidade criativa e levar sua formação para muito além do ensino formal.

Com o objetivo de atender à demanda por uma produção intelectual mais robusta sobre a prática da formação artística, a Funarte e a Fundação Editora da Unesp apresentam a coleção **Arte e Educação**, que visa a preencher uma lacuna notada por artistas e arte-educadores de todo o Brasil. A iniciativa integra o escopo de políticas públicas da Funarte, por fornecer matéria de reflexão sobre o tema da formação artística e por impulsionar a formação de novos públicos fruidores de cultura.

A coleção **Arte e Educação** inaugura uma série de iniciativas da Funarte, que passa a ter na formação artística uma de suas prioridades.

Celso Frateschi
Presidente da Funarte

De tramas e fios

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente da Funarte
Celso Frateschi

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Marcos Macari

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Conselho Editorial Acadêmico
Antonio Celso Ferreira
Cláudio Antonio Rabello Coelho
José Roberto Ernandes
Luiz Gonzaga Marchezan
Maria do Rosário Longo Mortatti
Mario Fernando Bolognesi
Paulo César Corrêa Borges
Maria Encarnação Beltrão Sposito
Roberto André Kraenkel
Sérgio Vicente Motta

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Denise Katchuan Dognini
Dida Bessana

Coleção Arte e Educação
Elvira Vernaschi (Coordenação)
Mariza Bertoli
Veronica Stigger
Anderson Tobita (Secretário)

J5J005



Marisa Trench de
Oliveira Fonterrada

De tramas e fios
Um ensaio sobre música e educação

2ª edição

137.045.31

f. 683d

2 ed.

ca. 3



editora
unesp

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
funarte

COMPRA

© 2008 Editora UNESP

Direitos de publicação reservados a:

Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

JOJ278J7

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro
20030-120 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2279-8053 /
(0xx21) 2262-8070
promocao@funarte.gov.br
www.funarte.gov.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F762d

2.ed.

Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira, 1939-

De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação / Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. - 2.ed. - São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

II. - (Arte e educação)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7139-799-6 (Editora UNESP)

ISBN 978-85-7507-100-7 (Funarte)

I. Música - Instrução e estudo - Brasil. I. Funarte. II. Título. III. Série.

08-0910.

CDD: 780.70981

CDU: 78.02(81)

Esta publicação foi financiada com recursos do Tesouro Nacional, por meio do convênio 24/2007, celebrado entre a Fundação Nacional de Artes – Funarte e a Fundação Editora da Unesp.

Editora afiliada:

ECLA

Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe

ABEU

Associação Brasileira de
Editoras Universitárias



Biblioteca Central

De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação

Av. 151005 - R. 10127817 Ex. 3

Compra - Books online

Nf.: 000.000.093 R\$ 28,76 - 28/12/2009

MUSICA HABILITACAO EDUCACAO MUSICAL

Agradecimentos

Não poderia deixar de mencionar as pessoas e instituições que contribuíram com esta pesquisa: ao Milton Sogabe pela solidariedade e por ter-me aliviado das questões da direção do Instituto de Artes da UNESP para que eu pudesse concluir o trabalho; aos colegas Maria de Lourdes Sekeff, John Boudler, José Carlos Plácido da Silva, Amilcar Zani e ao professor José Ribeiro Júnior, que formaram a banca do concurso de livre-docência, do qual este livro se origina. Agradeço especialmente a Maria Helena Villas Bôas Concone, pela leitura, ajuda e carinho; ao Samuel Keer e à Yara Caznok, pela presença amiga sempre, aos docentes e servidores do IA que, de algum modo, contribuíram para a finalização do trabalho, e a meus alunos, que sempre me ensinam. Não posso deixar de mencionar Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti, pelo competente trabalho de revisão, à Fapesp, pelo apoio ao Projeto Música na Escola, que abre espaço para a arte no ensino público, bem como aos bolsistas do projeto, que me ajudam a reinventar uma escola com música.

Destaco um agradecimento especial ao Cenpec, pela confiança e permissão de uso de citações dos textos "A arte dos sons" e "Música e movimento", publicados pelo Cenpec e que são parte, respectivamente, do projeto A Arte é de Todos – Projeto Amigos da Escola – Cenpec/Globo e do Projeto Cenpec/Febem.

Agradeço também ao Wendell Kettle, pelo precioso trabalho de organização do material, diagramação e concepção visual da tese de livre-docência; à Hilda, compreensiva e amiga, por manter minha casa funcionando quando parto para outros mundos. Ao Dori, pela compreensão e carinho; a Cláudia, Marta e Gui, filhos queridos que me ajudam muito. E a Bia e Isabel, sempre.

Sumário

Apresentação 9

Prefácio 19

1 Educação musical: tecendo a linha do tempo 25

2 Tramando os fios da educação musical: os métodos ativos 119

3 Desenredando a trama da música na escola brasileira 207

4 Alternativas educacionais: urdindo as tramas da rede 279

Conclusão

Costurando a rede: tramas e fios 333

Referências bibliográficas 351

Bibliografia consultada 359

Apresentação

Ninguém – Que andas buscando?

Todo o mundo – Mil cousas ando a buscar

Delas nem posso achar,

Porém ando porfiando

Por quanto é bom porfiar

Ninguém – Como há nome, cavaleiro?

Todo o mundo – Eu hei nome Todo Mundo

E meu tempo inteiro

Sempre é buscar dinheiro

E sempre nisto me fundo

Ninguém – Eu hei nome Ninguém

E busco a consciência

Berzabu – Esta é boa experiência.

Dinato, escreve isto bem

Que ninguém busca consciência

E todo mundo dinheiro

Ninguém – Eu sempre a verdade digo

Sem nunca me desviar.

Gil Vicente

Este ensaio discute a educação musical e quanto ela decorre dos hábitos, valores, condutas e visão de mundo da sociedade a cada época. Este é um momento propício para levantar o que está por trás das atitudes tomadas em relação ao ensino de música, tanto nas escolas especializadas quanto nas de educação geral, para que se tenha clareza a respeito do valor que lhe é atribuído e do papel que representa na sociedade contemporânea, e entender os motivos da dificuldade de afirmação da área no Brasil, especialmente no que se refere à educação pública. Em 1996, após uma ausência de cerca de trinta anos dos currículos escolares, a música foi contemplada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9394/96, com o reconhecimento de seu *status* como disciplina, o que, ao menos em teoria, permite que retome seu lugar na escola. No entanto, após tanto tempo de ausência, perdeu-se a tradição; a música não pertence mais à escola e, para que volte, é preciso repensar os modos de implantação de seu ensino e de sua prática.

Um autor que tem se dedicado ao estudo do valor da arte no mundo atual é o professor e filósofo americano Bennett Reimer (1970), de quem se emprestam algumas idéias como suporte ao entendimento da questão da educação musical brasileira. De acordo com ele, não se pode falar da natureza e do valor da educação musical sem que se toque na natureza e no valor da música. A área que lida com essa questão é a estética; portanto, a educação musical, para Reimer, deve ser educação estética. É impossível encontrar uma filosofia "que sirva para todas as épocas" e "para todas as pessoas" (p.2). Uma filosofia apropriada para determinada época pode ser apenas de interesse histórico em outra. Em educação musical, o estudo dessa questão pelo viés da história capta o sentido das mudanças sofridas pela área e reafirma a transitoriedade da filosofia e a adesão a seu tempo. No Brasil, esse tipo de reflexão é importante, pois, via de regra, não ocupa os espaços de discussão acerca do ensino da música. É como se não coubesse discussão a respeito, visto que, para músicos e educadores musicais, a música tem valor, muito embora os pontos de vista a respeito do que é

apropriado ou não em termos de conduta, constituição de competências e formação de habilidades difiram bastante.

No entanto, se o valor da música é um consenso entre os músicos, não o é em outros segmentos da sociedade, sendo pertinente a discussão, em um âmbito mais amplo do que o espaço da arte, para que se perceba que a questão do acesso ao fazer artístico ultrapassa a do lazer ou da indústria do entretenimento. Isso fica evidente quando se compara a prática musical e o ensino de música em épocas ou lugares diferentes; mas até na mesma época convivem opiniões divergentes, e é isso, também, o que ocorre quando se trata de educação musical e de sua importância e valor. Essa multiplicidade de pontos de vista sempre existiu e, à medida que a profissão se torna mais complexa, as diferenças no modo de compreendê-la também o serão, pedindo aprofundamento e reflexão.

É importante a adoção de um pensar filosófico como norteador de atitudes e escolhas, pois ele se constitui a partir de valores, e estabelece conexões entre os diversos elementos que compõem o conjunto de pressupostos a respeito da natureza e do valor de determinado campo de estudos. O pensamento filosófico permite que se compreenda qual é o lugar que a profissão ocupa, isto é, qual é realmente seu espaço perante outras áreas do conhecimento. O impacto que pode ter na sociedade depende, em grande parte, do entendimento do que ela tem a oferecer. A filosofia torna claros, também, os objetivos, metas e referenciais que esta compartilha com outras áreas ou tendências afins, e é a partir disso que novas idéias podem emergir e se transformar em práticas adequadas, salutares e significativas. Como em outros campos, a filosofia também é necessária para aprofundar a questão do ensino de música, pois é por meio dela que se tem clareza acerca de seu valor, o que permitirá chegar a uma maior competência e efetividade no exercício da profissão, além de encontrar razões que justifiquem sua presença na escola, quer como disciplina, quer como atividade extraclasse.

Atualmente, em face das profundas e rápidas mudanças que ocorrem em todas as áreas, a educação musical pede uma refor-

mulação que possa servir de guia aos profissionais e membros da comunidade. Hoje, há uma enorme necessidade de compreensão da música e dos processos de ensino e aprendizagem dessa arte. Até que se descubra seu real papel, até que cada indivíduo em particular, e a sociedade como um todo, se convençam de que ela é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, até que se compreenda que seu valor é fundamental, ela terá dificuldades para ocupar um lugar proeminente no sistema educacional.

Bennett Reimer lembra que a filosofia de determinada área atua como uma espécie de "consciência coletiva" da profissão, mas sua força depende da convicção de cada membro da comunidade que a compõe. E completa:

- o indivíduo que tem uma clara noção dos objetivos e metas de sua profissão, e que esteja convencido de sua importância, é um forte elo na cadeia dos indivíduos que também a abraçam; ...
- a compreensão da natureza e do valor da profissão afeta inevitavelmente sua compreensão acerca da natureza e do valor de sua vida profissional. (Reimer, 1970, p.4)

A falta de clareza com relação a esses motivos impede que se compreenda a área de forma abrangente e que se tenha a visão do campo maior em que ela está inserida, em cada época. Quanto à educação musical, é o debruçar-se sobre as questões que a cercam, sobre seus valores, sentidos, condutas, que levará ao aprofundamento do pensamento referente à área, aos alunos, agentes/pacientes da ação educativa, e aos professores e pesquisadores responsáveis pela ação e reflexão a respeito da música e de seu ensino e aprendizagem.

Como a necessidade de refletir a respeito da prática e da função da música nem sempre é clara aos professores de música, muito do que existe em educação musical não se apresenta, na verdade, como musical ou artístico, mas, antes, como um conjunto de atividades lúdicas que se servem da música como forma de lazer e entretenimento para os alunos e a comunidade, sem sequer tocar

na idéia de música como forma de conhecimento. Outro uso que dela se faz é como auxiliar de outras áreas de conhecimento ou disciplinas; nesse caso, ela tem outras funções: *auxiliar a aula de matemática, contribuir para a instalação de bons hábitos*, e outras.

O fato de a música ter ou não seu valor reconhecido coloca-a dentro ou fora do currículo escolar, dependendo de quanto é ou não considerada pelo grupo social. Se, em determinada cultura, a música for uma das grandes disciplinas do saber humano, o valor da educação musical também será alto, em pé de igualdade com o de outros campos do conhecimento. Se, porém, se não houver esse reconhecimento, sua posição em relação às demais áreas será, também, marginal. Esta é a questão crucial com que se depara hoje no Brasil: o resgate do valor da música perante a sociedade, único modo de recolocá-la no processo educacional.

Uma série de fatores tem determinado diferentes práticas educacionais no que se refere à música, e essas transformações podem ser detectadas pelo exame de sua presença na história brasileira. Na década de 1970, após o longo período em que a atuação de Villa-Lobos prevaleceu e se fortificou, a prática intensa do canto orfeônico nas escolas foi substituída pela disciplina Educação Artística, o que, ao longo do tempo, levou à quase extinção da classe de educadores musicais, que se ausentaram da educação pública e privada. Embora ainda haja campo para esse profissional, a oferta é menor do que a procura. Desse modo, como reduto de trabalho, restam alguns espaços, como as escolas livres de música e conservatórios, os centros culturais e outros centros de cultura e lazer, onde o educador musical atua como animador cultural mais do que como professor. O abandono da educação musical por parte das escolas e do governo foi acompanhado por profundas modificações na sociedade, que se abriu para o lazer e o entretenimento ofertados pelos meios de comunicação de massa, afastando-se a população escolar, cada vez mais, da prática da música como atividade pedagógica, aderindo, em vez disso, aos hits do momento e ao consumo da música da moda, do conjunto instrumental da moda, do cantor da moda.

O declínio da música na escola afastou o educador musical, criando-se um vale entre a música praticada na época precedente à Lei n.5692/71 e a não-música da escola atual. Algumas coisas logo se evidenciam ao ouvido atento: muitos professores da escola não sabem mais cantar ou tocar um instrumento. Alunos e professores têm um referencial musical quase único, que lhes é imposto pelos meios de comunicação. Hábitos de escuta e prática musical foram abandonados e já não fazem parte da vida escolar.

São necessárias alternativas para enfrentar a situação, pois acredita-se que a ausência da música reforça um hábito danoso: a imitação do que é oferecido pela indústria cultural, considerado modelo único e valorizado e, conseqüentemente, o desprezo pela auto-expressão e pela tradição cultural do país e de outros povos. A música tornou-se simulacro. A presença da arte nas escolas e em outros pólos culturais permite a emoção/fruição diante da obra artística por parte dos alunos ou do público, e pode contribuir para o aumento da qualidade de vida. No entanto, a longa ausência provoca dificuldades de expressão e distanciamento, e uma das tarefas é investir na idéia de trazer a música para o cotidiano da escola.

— Este é o principal foco deste livro, e a maneira como se articulam os diferentes tópicos tem por objetivo conduzir o leitor à compreensão do que existe hoje, na esperança de contribuir para o resgate do valor atribuído à música e à educação musical na sociedade brasileira atual.

Assim, o primeiro capítulo inicia-se com essa discussão, a respeito do valor e da natureza da educação musical. Para isso buscam-se referenciais históricos que mostrem as transformações da sociedade ocidental, desde a Antigüidade clássica até os dias atuais, buscando, em cada época, os fatores que valorizam ou minimizam a importância da música e da educação musical naquele determinado contexto. Não é intenção, no resgate desse percurso, escrever a história da educação musical no Ocidente, objetivo que iria muito além do âmbito deste trabalho, mas passar em revista as atitudes detectadas em cada período histórico em relação à música,

ca, os papéis que esta assumiu em diferentes momentos, e suas ligações e influências na educação musical.

O segundo capítulo é dedicado aos “métodos ativos”, mostrando que seus criadores estavam inseridos em seu tempo, respondendo criativamente aos desafios impostos, provocados pela postura e modos de compreensão da vida por parte dos cientistas e artistas de sua época, reforçando a premissa inicial de que a música e a educação musical têm valores idênticos aos da sociedade que as abriga. No Brasil, até a década de 1970, esses educadores foram bastante influentes, o que perdurou até a época da implantação dos cursos de Educação Artística, quando os métodos ativos perderam a força, ao mesmo tempo que, praticamente, desaparecia a prática musical na escola. Importantes também, embora não tenham exercido grande influência no Brasil, ao menos naquele momento, são os educadores musicais da chamada “nova geração”, isto é, os que atuaram nas décadas de 1960 e 1970, adotando como linha mestra o reconhecimento do som como matéria-prima da música, o estudo de suas propriedades e a aplicação desse conhecimento a propostas de criação musical.

No terceiro capítulo estudam-se as condições em que se deu a prática da música e da educação musical no Brasil, desde o descobrimento até os dias atuais. Nesse resgate, considera-se a educação musical em sua evolução histórica, destacando-se os acontecimentos que determinaram os rumos da área no Brasil; em seguida, analisam-se os documentos governamentais emitidos após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9394/96, isto é, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCN (1998) – e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – PCN (1998) –, em especial no que diz respeito à música na escola.

No quarto capítulo trata-se das modificações que vêm ocorrendo no mundo atual e da necessidade de a educação, de modo geral, e a educação musical, em particular, adaptar-se a elas, buscando modos de ação alternativos, em substituição aos tradicionalmente empregados, incapazes, em muitos aspectos, de respon-

der aos novos desafios. São dois os eixos de discussão: a maneira atual de se aproximar do conhecimento e receber informação, que abandona a tradicional característica linear da educação e adota operações em rede, e a ausência ou o enfraquecimento de limites entre uma coisa e outra, isto é, entre os procedimentos em linha e em rede, que deixam de estar em campos opostos, mas, com frequência, se confrontam ou se aliam. Esses dois eixos são fruto de uma tendência mundial de aceleração da informação a que estamos expostos hoje, que faz que a informação ocorra por meio de *bits* não conectados, cabendo ao consumidor/fruidor estabelecer a ligação entre eles. Esse modo de ação está presente, também, no pensamento e na arte da atualidade, caracterizando-se pela não direcionalidade e multiplicidade de informações. A discussão dessa idéia não é gratuita, amparando-se em necessidades reais de determinados segmentos da sociedade, constituindo-se em desafios que obrigam a busca por novos procedimentos, pois os comumente adotados na prática educativa já não atendem a esse tipo de demanda.

Os procedimentos em rede discutidos servem, também, de inspiração à organização do capítulo, que é composto de maneira não linear, apresentando um conjunto de informações não conectadas relacionadas à demanda pela educação musical nos últimos anos. Mas não é só: além dos textos, compondo mais uma trama dessa rede, apresenta-se a análise da novela *Dicamus et labyrinthos* (1976), do compositor canadense R. Murray Schafer, aqui tomada como metáfora do processo de conhecimento, para dar respaldo à idéia da necessidade, nos dias atuais, de adoção de procedimentos em rede nas práticas educativas dentro e fora da escola.

Na Conclusão faz-se uma recapitulação do que foi discutido, confirmando os vínculos existentes entre a visão de mundo de cada época e o valor atribuído à música e à educação musical. Mostra-se que, de fato, os modos de compreensão sofrem modificações no decurso da história e que, a partir do século XX, moldados pelas profundas transformações ocorridas nos mais diversos setores da sociedade, acrescenta-se, ao modelo linear de compreensão do

mundo, outro, de caráter sistêmico. Com isso, constata-se que o mundo atual tem necessidades específicas, que impõem a busca de alternativas, tornando-se claro que se está diante da emergência de um novo paradigma, não-linear, acausal e multidirecional, determinante de procedimentos e ações humanas que, talvez, sejam a única maneira de fazer frente às demandas da sociedade contemporânea em todos os campos, muito embora, neste livro, o foco de interesse esteja concentrado na música e na educação. Finalizando, espera-se que a discussão contribua para a descoberta de soluções a questões aqui colocadas, em particular, a musicalização do povo brasileiro e a recuperação da música na escola.

Prefácio

A atividade artística não é um caminho imperial para ter-se acesso a uma vida plena, mas uma maneira de colocar o próprio eu, as próprias capacidades. Trata-se fundamentalmente de uma atividade que qualquer pessoa pode realizar e possuir, de um ponto de vista psicológico. É uma forma de aprender acerca de si mesmo e do mundo, por meio da qual tanto o mundo quanto o ser humano são transformados.¹

Não é habitual, nos tempos atuais, encontrar-se uma obra de pedagogia musical em que se depare com a presença de um pensamento crítico. O habitual é que, nesta era ultracognitivista, os pesquisadores da educação utilizem ferramentas metodológicas afins ou correlatas à realidade que pretendem descrever ou investigar. É precisamente o contrário o que se projeta no interessante

¹ SEYMOUR, B. Sarason. *The Challenge of Art to Psychology*. New Haven: Yale University Press, 1990. p.183.

ensaio da Dra. Marisa Fonterrada. De início, a autora se preocupa em definir o que constitui o núcleo de sua investigação: trata-se de analisar o estado atual da educação musical em seu gigantesco e multifacetado país, o Brasil, com a intenção de oferecer ao leitor ferramentas conceituais e práticas que lhe permitam pensar em alternativas para superar o ponto morto no qual desemboca o sistema educativo, depois de um longo período de ausência da disciplina Música na escola pública brasileira.

Na história cultural do Ocidente, desde a Antigüidade até nossos dias, como bem assinala a autora, alternadamente, sucedem-se os períodos de caráter cientificista e os de orientação humanista. Em consequência, o tratamento que, em cada caso, receberão a música e a educação musical é reflexo direto da tendência em voga. Nossa época, caracterizada pelo neoliberalismo e pela globalização – é necessário reiterá-lo? – privilegia a tecnologia (como elemento prático) e a teoria (como princípio conceptual). Os enfoques científicos – na verdade, uma espécie de pseudociência – se impõem diante das disciplinas de caráter prático, entre as quais se colocam as atividades artísticas. Talvez por esse motivo, ao longo do livro, a Dra. Fonterrada insiste na necessidade de “revisitar”, a partir da pedagogia, o pensamento humanístico de alguns “pioneiros” mais destacados do século XX no campo da música – Jaques Dalcroze entre eles – que sustentaram ardorosamente a universalidade da arte e a expressão artística, bem como sua importância no desenvolvimento infantil.

Marisa Fonterrada é uma militante no campo da “ecologia acústica”, atividade que integra, de maneira crítica, ser humano e natureza e, particularmente, com a paisagem sonora, isto é, com o som em todos os seus aspectos e funções. O entusiasmo e a idoneidade que Marisa Fonterrada estende a esta importante área de especialização que vem desenvolvendo em seu país desde os anos 1990, junto ao destacado compositor e pedagogo canadense Murray Schafer – o precursor e indiscutivelmente uma das figuras mais representativas da ecologia acústica na atualidade – conferem a seu discurso e a sua práxis pedagógica uma transcendência e um

equilíbrio muito particulares. Como discípula de Murray Schafer, Marisa tem interferido ativamente em alguns dos projetos de ecologia acústica desse compositor, na Floresta de Haliburton, no Canadá, como também tem colaborado com ele em alguns cursos que, habitualmente, o professor ministra em diferentes países. Além disso, a Dra. Fonterrada há alguns anos desenvolve em seu próprio meio uma série de projetos pedagógicos originais – alguns deles, de caráter social – que são detalhadamente descritos no livro e dão testemunho de seu talento como educadora e de sua capacidade para integrar na prática os aspectos sutis dos processos de sensibilização e criatividade sonoras.

Este é um ensaio comprometido, claramente posicionado, do ponto de vista ideológico. Não é um relatório asséptico que trata de conceitos e experiências, mas um trabalho inscrito na realidade, que se propõe indagar seriamente acerca do sentido da educação musical e artística por meio de fatos concretos, tomando sempre partido e situando-se à margem do midiático e das tendências pedagógicas neoliberais em voga.

A obra foi cuidadosamente estruturada. Como ponto de partida, a autora se ocupa em analisar, de um ponto de vista filosófico e histórico, a função da música e seu reflexo na educação musical, seguindo um itinerário detalhado que, a partir da Antigüidade greco-romana, prolonga-se até os dias atuais. Em seguida, sob o título geral “Métodos Ativos”, apresenta os principais aportes metodológicos realizados durante o século XX no Ocidente, por alguns dos mais destacados educadores do campo da educação musical, que agrupa em duas “gerações” consecutivas: a “primeira”, dos precursores da nova pedagogia musical, encabeçada por Jaques Dalcroze, e a “segunda”, dos compositores, dos quais ela apresenta quatro que, na Europa e na América do Norte inauguraram, em meados dos anos 1970, a era do aprofundamento dos aspectos criativos em educação.

Após expor pormenorizadamente as tramas básicas da nova educação musical do século XX no mundo ocidental e superada a primeira metade da obra, a autora dedica o terceiro capítulo a de-

senredar a trama da música na escola brasileira. Para isso, mergulha no processo de educação musical em seu país, desde os tempos coloniais, trazendo importante informação e documentos específicos da situação educativa durante a segunda metade do século XX. E destaca, especialmente, a ausência da disciplina Música na escola brasileira durante um período de mais de trinta anos, a partir dos anos 70, em que esta foi ineficazmente substituída pela denominada "atividade" artística, situação que se prolongou até a reforma educativa de dezembro de 1996, que propôs "uma nova maneira de focar o ensino das artes".

Nesta fase da obra, a autora aponta com maior direcionalidade para o núcleo temático deste ensaio que pretende "promover um debate capaz de contribuir para a descoberta de soluções para os problemas que aqui se expõem, em particular, a educação musical do povo brasileiro e a recuperação da música na escola".

Nos capítulos seguintes, a Dra. Fonterrada apresenta alguns interessantes trabalhos que ela mesma teve oportunidade de desenvolver no Brasil durante a última década, a partir de experiências próprias, ou como parte de projetos comunitários – oficiais e privados – de caráter cultural e social. Desse modo, Marisa Fonterrada responde eficazmente, mediante gestos e ações pedagógicas concretas, aos dilemas educativos que, lamentavelmente, não estão limitados a seu próprio país, mas configuram, na atualidade, um panorama crítico comum a boa parte do mundo latino (na América e na Europa).

De tramas e fios é um trabalho particularmente valioso, pela seriedade de suas propostas e aportes conceituais, pela abertura de seu enfoque e pelo estímulo que provoca no leitor, em cada uma de suas tramas, impulsionando-o a fazer algo para superar de vez a ignominiosa passividade a que se viu relegada a música e a educação musical em nossos países desde as últimas décadas do século passado.

Ao longo dessa obra não convencional, a autora foi desenrolando, com um enfoque reflexivo e profundo, os vários "fios" da educação musical através das épocas, em diversos lugares do mun-

do. É a partir desses "fios" – e de muitos outros – que cada educador hoje poderá tecer, ele próprio e de maneira autônoma, a trama, a tela musical que estão necessitando nossas crianças, nossos jovens, nossos professores, nossos músicos e futuros músicos.

A época em que vivemos é uma época de tramas, de redes, e não de fios. Na atualidade não existem receitas demarcadas ou lineares para educar, em nenhuma área do conhecimento e muito menos na arte. A música, como a maior parte das disciplinas, deve ser ensinada por maneiras diretas, abertas, transversais e interdisciplinares, que permitam integrar os diferentes aspectos da pessoa, do mundo, do conhecimento. Porque a música, como costumamos repetir, não pode continuar sendo considerada como uma atividade de caráter meramente estético, pois trata-se de uma experiência multidimensional, um direito humano, que deveria estar ao alcance de todas as pessoas, a partir de seu nascimento, e por toda a vida.

Violeta Hemsy de Gainza
Buenos Aires, abril de 2008